

EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM REGIME DE ALTERNÂNCIA COM FOCO EM AGROECOLOGIA E CIDADANIA: ECRAMA, Bragança, PA

Alternance training experience with a focus on agroecology and citizenship: ECRAMA, Santa Luzia do Pará, PA.

¹GHIRARDI, Maria de Nazaré ²GHIRARDI, Vincenzino. ³LIMA, Nailton Pereira; ⁴JORGE, Rosineide Francisca Lima. ⁵SÁ, Tatiana Deane de Abreu.

¹Rede Bragantina de Economia Solidária; redebragantinaes@hotmail.com; ²Escola ECRAMA; navighi@hotmail.com; ³nailtonpl09@yahoo.com.br; ⁴rosineidejorge2@gmail.com; ⁵NEA Puxirum Agroecológico/ Embrapa Amazônia Oriental; tatiana.sa@embrapa.br,

Resumo

A caminhada da Escola de Formação Para Jovens Agricultores (as) de Comunidades Rurais Amazônicas – ECRAMA, com protagonismos de agricultores familiares do Nordeste Paraense, pelo direito ao acesso à educação básica contextualizada às suas necessidades de viver e trabalhar no campo, impulsiona a opção pelo curso Agroecologia e Cidadania. O relato dessa experiência tem objetivo de socializar a trajetória, a autonomia das iniciativas de transição em desenvolvimento entre as dimensões da Agroecologia, em cinco edições desse curso, respectivamente em 2016, 2017, 2018, 2019 e 2021/2022, realizadas em regime de alternância, com metodologias participativas, em parceria com instituições governamentais e não governamentais, pastorais e movimentos sociais, contribuindo para a co-construção de novos conhecimentos agroecológicos.

Palavras-chave: Nordeste do estado do Pará, agricultura familiar, co-construção de conhecimento

Abstract

The trajectory of the Training School for Young Farmers of Amazonian Rural Communities – ECRAMA, with protagonisms of family farmers from the Northeast of Pará State, for the right to access to basic education contextualized to their needs to live and work in the field, drives the option for the course Agroecology and Citizenship. The report of this experience aims to socialize the trajectory, the autonomy of the transition initiatives under development between the dimensions of Agroecology, in five editions of this course, respectively in 2016, 2017, 2018, 2019 and 2021/2022, carried out in an alternating regime, with participatory methodologies, in partnership with governmental and non-governmental institutions, pastoral and social movements, contributing to the co-construction of new agroecological knowledge.

Keywords: Northeast of Pará state, family farming, co-construction of knowledge

Introdução

A ECRAMA é uma escola de educação para o campo, que nasce da percepção dos agricultores familiares organizados em Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Associações: Quilombola dos Agricultores Familiares da Pimenteira – AQUAFAP; Quilombola Vida Para Sempre Jacarequara – AVPS; Moradores Remanescente do Quilombola Tipitinga – AMORQUIT; Quilombola de Vila Mariana – AQUIMARI; e a Cooperativa Coomar. Está situada na 11^a

travessa, rodovia Dom Eliseu, município de Bragança. No período de 2003 a 2015, a ECRAMA contribuiu com a educação básica, de agricultores familiares, quilombolas e assentados de reforma agrária no território Nordeste Paraense. Dentre as necessidades apresentadas pelos atores envolvidos destaca-se: *“os jovens, que não encontram sequer no ambiente da escola pública, a formação e a capacitação para trabalhar e viver com dignidade no campo. O ensino que prepara as pessoas apenas para ler e escrever.*

A crítica à ausência de políticas educacionais alheias às especificidades das populações do campo é um dilema que deu origem, no final da década de 1960, a iniciativas promissoras no Brasil da Pedagogia da Alternância, (ANDRADE, 2017).

Essa trajetória revisada com egressos da educação formal, educadores, pesquisadores e movimentos sociais, iluminam a opção e um processo educativo tendo as dimensões da agroecologia um papel central. Portanto, repensar ferramentas metodológicas que marcam diferentes e importantes experiências de educação do campo, alinhadas a Pedagogia da Alternância. A partir dessa introdução, nosso texto apresenta a expressão das turmas do curso Agroecologia e Cidadania, respectivamente nos anos 2016; 2017; 2018; 2019; 2021 /2022. narrados em **Co – Construção de Conhecimentos Agroecológicos**. A diversidade e complexidade de cada território, nos indicava a Agroecologia ciência, prática e movimento, como fazeres multi e transdisciplinar, geradores de novos conhecimentos. A condução do curso em regime de alternância em tempo presencial e família comunidade, visava além das necessidades técnicas dos agricultores (as), contribuir com motivações para organização social, e um agir coletivo, em contraposição aos valores da lógica do neoliberalismo quando aposta na fragmentação da vida societária e no fim das utopias (SCHERER-WARREN, 1999). Por fim, o texto, enquanto experiência aprendente e ensinante, dialoga com os **Princípios da educação em agroecologia**, onde encontramos importantes contribuições para próximas turmas do curso Agroecologia e Cidadania.

1. Agroecologia e Cidadania: Co – Construção de Conhecimentos Agroecológicos.

Em 2016 o curso Agroecologia e Cidadania tem início com 18 jovens, em sua maioria de comunidades da agricultura familiar e quilombolas dos municípios de Santa Luzia do Pará, Augusto Correa e Cachoeira do Piriá; juntos com os parceiros, Projeto Tipitamba, Núcleo Puxirum Agroecológico, ambos da Embrapa/Cpatu; Emater – Escritório Santa Luzia do Pará; Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará - Cedenpa.

Em comum, aquele público ao apresentar o mapa da propriedade familiar e da comunidade, apontava ameaças de mudança climática, a ineficiência de assistência técnica sem alternativas

de substituição de insumos externos. Ao mesmo tempo, reconheciam o potencial de recursos naturais, o saber dos mais velhos como perspectiva futura e positiva. Da contribuição acadêmica e as práticas que o espaço da ECRAMA oferece, a turma construía e refletia o lugar e o momento no seu ambiente de produção.

Lucimar, artesã e coordenadora da Feira Artes e Sabores, município de Cachoeira do Piriá. *Falar do curso de agroecologia é falar de uma trajetória muito importante na minha vida, porque quando se faz o curso de agroecologia é diferente do que fazer em uma sala de aula, ou um curso de uma semana. O diferente desse curso é que voce vai pra sala de aula, mas vai também pra prática, onde a gente aprende a pensar e fazer.*

Turma 2017: agroecologia em defesa da vida

A turma do ano 2017, são em sua maioria assentados de reforma agrária, comunidades tradicionais quilombolas e agricultores periurbano. Eles e elas apresentaram expectativas de; luta pela terra para viver e produzir, a segurança alimentar, organização da mulher, política pública e a guarda da biodiversidade.

No tempo presencial de cada módulo as reflexões dos participantes aliavam-se à vivência, os conhecimentos das dimensões da agroecologia e o contexto sociopolítico, da conjuntura vigente, como a campanha da fraternidade ano 2017, com tema, “Fraternidade: Biomas brasileiros e defesa da vida.” A temática provocou a turma a dar continuidade à proposta de banco familiar e comunitário de sementes, iniciado em 2003. Com o Encontro de Guardiães da Biodiversidade, três jovens participaram do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia – Brasília, com apresentação dessa experiencia, na feira da biodiversidade, sendo agraciados com o prêmio “Guardiães da sociobiodiversidade.”

No tempo comunidade, ocasião da visita da equipe de monitores da Ecrama, aos (as) participantes e sua família, se estende aos momentos de reunir com a comunidade, onde o/a jovem passa a atuar com a outorga de agente de desenvolvimento local, animando a organização social em defesa da produção agroecológica e da economia solidária.

Rosi – Liderança quilombola, município Irituia: *Organização de associação na comunidade, para lutar pelo direito a terra e produzir com qualidade; dialogar com as mulheres, pois, a minha família, são elas que detém maior parte dos saberes que precisamos para trabalhar a Agroecologia. Eu me questiono: que educação do campo e essa? Falta mais falar de agroecologia nas escolas de Irituia, Mostra as coisas boas a agroecologia.*

Alex – agricultor familiar do quilombo Camiranga – município de Cachoeira do Piriá. *Eu me sinto mais conectado com a natureza e com as práticas agroecológicas me sinto reeducado pela cidadania em ajudar minha família e comunidade.*

As riquezas de vivências compartilhadas no retorno ao tempo presencial, são indicativos da expansão da Agroecologia. Como afirma Costabeber (1998, pág. 120) “a transição agroecológica compreende um processo social e gradual, orientado à obtenção de índices mais equilibrados de sustentabilidade, estabilidade, produtividade, equidade e qualidade de vida na atividade agrícola, mas que implica também, uma mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais.”

O curso finaliza com um seminário reunindo, os pais, os educadores e os parceiros convidados. É o momento em que cada jovem apresenta o “Igarapé do tempo” construído de forma participativa em tempos e espaços que a alternância lhe proporciona. Figura 1: Igarapé do Tempo –



Figura 1: Seminário Encerramento Curso A. C. 2017



Figura 2: Turma curso A. C. 2021/2022

O Igarapé do Tempo: metodologia construtiva de auto avaliação.

O Igarapé do tempo, é um instrumento metodológico adotado para os/as participantes registrarem cada módulo do curso a evolução de seu aprendizado, com livre expressão de arte do conteúdo. Ao falar e relacionar suas experiências os/as participantes evidenciam um aprendizado de tempos, espaços que o regime de alternância serão fontes de novos conhecimentos, dada as particularidades de cada turma (SÁ, 2020).

Turmas 2018 e 2019: Diversidade e aprendizados auto - organizados.

Em 2018 e 2019 os cursos se caracterizam pela maior presença de agricultores familiares da microrregião Bragantina, a mais antiga da colonização do Nordeste Paraense.

Os e as participantes apresentam os desafios de sua geração, convivência com diminuição e substituição de cultivos como arroz – *Oriza sativa*; milho – *Zea mays*; fato atribuído a inexistência de vegetação primária ou capoeira de segundo corte. A cultura da mandioca – *Manihot esculenta*, passa a ocupar o trabalho intensivo da mão de obra familiar para suprir as

principais necessidades da casa e do roçado. Assim justificam a saída dos jovens do campo, em busca de oportunidade de novos aprendizados ou ocupação em outros setores. Constatou-se ainda, que as formas de manejo e adaptações introduzidas nos quintais, com destaque as fruteiras e tubérculos; foram substituições, aliadas as possibilidades de processamento artesanal e comercialização direta. Estas foram importantes contribuições de ensino aprendizagem, aos processos de transição agroecológica em discussão com a turma.

Os módulos sucessivos provocaram as turmas a olhar sobre as possibilidades dos agroecossistemas, onde se revelam, sempre nos quintais, plantas vinculadas as práticas culturais de segurança alimentar e de cura à saúde.

Washington – agricultor, município de Santa Luzia do Pará. *“Agroecologia é esperança, quando achávamos que não tinha mais solução.”*

Zenilda – agricultora familiar, município de Bragança. *“Fizemos a mística e as pessoas se animaram para ensinar como usavam as plantas medicinais.”*

Walmir – agricultor familiar, município de Bragança *“Temos apoio da família para trabalhar agricultura sustentável, recuperar o solo degradado. Os amigos querem ver para crer.”*

A turma conclui o curso apresentando o *Igarapé do tempo* com significativas contribuições para pensar agroecossistemas resilientes, dada a condição da cobertura vegetal e outros fatores ambientais, observados no Nordeste Paraense.

Turma do curso 2021/2022: agroecologia para o bem viver

Ano 2021 / 2022, com participação de 23 jovens, indicados por movimentos sociais e egressos, envolvendo sete municípios. Diante da crise de saúde humanitária mundial, associada, entre outras crises, a perda da biodiversidade, na acolhida da turma conversamos sobre o tema: **A urgência em cuidado da casa comum para o bem viver de todos.** Neste primeiro encontro, ressaltam em apresentação de suas atividades na propriedade familiar: o baixo rendimento econômico, a fragilidade das organizações, os recursos naturais com potencial de aproveitamento, porém sem conhecimento de como fazer e de comercializar.

Refletimos a partir da metodologia do curso, de modo que as mudanças desejadas nos sistemas predominantes em cada propriedade, sejam conduzidas por todos e todas de forma autônoma observando as possibilidades de transição agroecológica em suas dimensões. Um caminho que tem como ponto de partida a compreensão do sistema capoeira, a disponibilidade de plantas e insumos para compostagem e adubos verdes, a diversidade e a integração com os demais sistemas existentes na propriedade.

O grupo participante do município de São Domingos do Capim, com forte ligação à cultura ribeirinha e extrativismo vegetal, plantas medicinais e pesca. O roçado e os quintais são as principais atividades econômicas, e da segurança alimentar das famílias, com rica diversidade de alimentos. Enquanto organização sociopolítica, o grupo tem ativa participação familiar no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Juventude do PT e Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense – MMNEPA.

Os participantes dos municípios de Bragança, Tracuateua, Nova Timboteua e Viseu, compõe um quadro da geração com limite de terra para reprodução da agricultura familiar. Como estratégias, intensificam a diversificação dos quintais, notadamente com fruteiras. Dois participantes são atuantes na direção sindical e no Movimento Camponês Popular – MCP.

Ao contrário, os participantes da microrregião Guamá, municípios Irituia e Mãe do Rio, impactados pela pecuária extensiva das grandes fazendas, e redução de área para roçado, optam por iniciar fruticultura em cultivo convencional e mais recente agrofloresta.

A pandemia limitou maior integração entre a turma, a visita dos monitores no tempo família comunidade e intercâmbios. Dois módulos do curso em finalização, foram concluídos em 2022.

A proposição de desenvolver de forma virtual com uso de vídeos e textos, não foi possível, visto que o acesso à internet na zona rural é um fato não resolvido.

Emanoel – egresso, atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Timboteua. *A Ecrama foi uma oportunidade ímpar de formação em minha trajetória, pois através do curso de Agroecologia e Cidadania despertou em mim o interesse pelas causas ambientais. É de suma importância que esta pauta de diálogo seja fomentada cada vez mais para o fortalecimento da agricultura familiar. A economia solidária é alternativa para o sustento das nossas famílias, visto que garante valorização da produção agroecológica e geração de renda.*

Contribuições do curso agroecologia e cidadania em regime de alternância quanto aos princípios e às diretrizes da educação em agroecologia.

Analisando a relação entre a experiência relatada e os princípios e diretrizes da educação em agroecologia (AGUIAR *et al*, 2013) é possível verificar que:

a. Em relação ao **princípio da vida**, as atividades desenvolvidas na ECRAMA buscam oferecer elementos associados a cuidados, afetividade, expressos em todas as suas atividades e, particularmente nos momentos de místicas e partilhas; contemplam elementos voltados ao aprendizado e prática da sustentabilidade, via suas múltiplas dimensões (ecológica, econômica, social, cultural, política e ética). Na dimensão social da Agroecologia, a ECRAMA, oferece subsídios ao desenvolvimento sustentável endógeno e comunitário; e também promove

oportunidades de aprendizado, de valorização e de disseminação de sementes crioulas (via a criação de grupo de guardiões de sementes crioulas envolvendo alunos e egressos).

b. Quanto ao *princípio da diversidade*, é considerado ao longo de todas as atividades, já que são planejadas de modo a valorizar a diversidade dos participantes quanto a sua origem geográfica e de sua trajetória pessoal e familiar, lançando mão de metodologias que incluam momentos participativos de descrição e interpretação da realidade de cada participante, como forma de orientar o conteúdo das aulas teóricas com exemplos adequados à diversidade e apontar temas relevantes para aulas práticas; a valorização da memória biocultural e das cosmovisões de povos e populações tradicionais é enfatizada, como estratégia de co-construção do conhecimento com vistas à sustentabilidade, à conservação da agrobiodiversidade e da sociobiodiversidade. Nas várias etapas dos cursos oferecidos pela ECRAMA, a preocupação com a diversidade de representação quanto a gênero, localização de territórios, grupamento (agricultores familiares, quilombolas, etc.) é uma constante, garantindo ampla diversidade e representatividade; o esforço de valorizar o papel da mulher nos cursos oferecidos e no engajamento de alunas e egressas em atividades da Rede Bragantina de Economia Solidária, como é o caso de grupo voltado as plantas medicinais;

c. Na abordagem do *princípio da complexidade*, a ECRAMA adota estratégias metodológicas que permitam a expressão das múltiplas e complexas realidades; promovendo oportunidades de sistematização e de socialização participativa, enfatizando a importância do caráter indissociável da relação entre extensão, ensino e pesquisa; e destacando a importância da participação dos atores das comunidades e de suas relações sociais, em processos de co-construção de conhecimento; e. Finalizando, o *princípio da transformação* é particularmente enfatizado no âmbito da ECRAMA, a partir do recrutamento dos participantes, ao longo dos módulos de aprendizado, nos tempos escola e comunidade e, após o término dos cursos, mantendo contato e contando com egressos em atividades, como contribuição ao processo de transformação. Assim, iniciativas na linha da agroecologia emancipatória são aplicadas, visando a promoção da autonomia e de posturas justas e conscientes. No esforço de formação de agricultoras e agricultores com embasamento nos princípios da economia solidária e capazes de disseminar a sua prática; estratégias de formação que contemplam a preocupação com a capacitação voltada à conservação da natureza e com o fortalecimento dos conhecimentos das classes menos favorecidas; estratégias metodológicas que contemplam aprendizado coletivo voltado ao bem viver e a gestão de bens comuns no campo e nas cidades; elementos voltados

ao empoderamento de agricultoras e agricultores visando melhor qualificar o seu protagonismo em relação a questões cruciais; estratégias metodológicas (como místicas e outras ações participativas) para trocas de percepções, experiências e recomendações, com respeito a questões sociais, culturais, ambientais e econômicas relevantes; e esforço contínuo para oferecer uma formação alinhada com as múltiplas realidades dos participantes dos cursos, com base a vivência real dos participantes multivariados.

Refletindo e prosseguindo

O curso Agroecologia e Cidadania, em regime da alternância, é uma contribuição, voltada às necessidades e especificidades das populações do campo. O ressignificado da Pedagogia da Alternância, e a co-construção de conhecimentos agroecológicos, em parcerias governamental e não governamental, são caminhos para avançar em contribuições metodológicas, motivar a ascensão de egressos (as) à graduação universitária, e movimentos sociais do campo.

Da perspectiva dos instrutores dos módulos presenciais dos cursos, a percepção que emerge é de que a iniciativa do curso Agroecologia e Cidadania na ECRAMA se constitui em um rico espaço de construção coletiva de conhecimento, com um desafio instigante de construir a cada iniciativa estratégias que permitam melhor contemplar a diversidade dos participantes.

3. Referências bibliográficas.

AGUIAR, MARIA VIRGINIA DE ALMEIDA, et al. **Princípios e diretrizes da educação em agroecologia**, ABA Agroecologia, Ed. Universitária da UFPE, 2013.

ANDRADE, DIEGO MIRANDA DE. **A Pedagogia da Alternância no Brasil e seus fundamentos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, 2017.

COSTABEBER, J.A. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica em Rio Grande do Sul, Brasil**. Córdoba, 1998. 422p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado em Agroecologia, Campesinato e História, ISEC-ETSIAN, Universidas de Córdoba, España, 1998.

SÁ, Tatiana et al. Igarapés do tempo como ferramenta de acompanhamento do aprendizado de agroecologia por jovens agricultores no Nordeste Paraense, Brasil.2020.

WARREN, SCHERER. Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.